

O PROFETA SOFONIAS E A REFORMA DE JOSIAS

Celso Loraschi

Resumo

Este artigo enfoca o movimento profético de Sofonias relacionado com a reforma religiosa levada a termo pelo rei Josias no ano 622 aC. A situação histórica naquele momento exigia profundas mudanças sociais. O projeto oficial, porém, não respeitou as aspirações e os direitos dos empobrecidos da cidade e da roça. De fato, a reforma josiana restringiu-se à destruição dos lugares de culto não javista espalhados pelas vilas e promoveu a centralização no templo em Jerusalém. A intolerância com as práticas religiosas diferentes promoveu uma religião que cimentou a estrutura sócio-política-econômica expansionista e de dominação de um grupo de privilegiados sobre a maioria. O profeta Sofonias revela que a idolatria não se restringe aos cultos a outros deuses ou deusas, mas revela-se, sobretudo, na situação de injustiça e nos mecanismos de opressão que privam o povo de seu direito à vida digna.

Palavras-chave: Reforma religiosa. Denúncia profética. Protagonismo dos pobres. Nova ordem social.

Abstract

This study concentrates its focus on the prophetic preaching of Zephaniah as related with the religious reform which was concluded during the reign of Josiah in 622 BC. All embracing social reforms were in demand at that time. However, the project enforced on the public level did not attend the claims of the impoverished population nor the rights as citizens of the country both from the cities and the rural areas. In fact, the reform of Josiah was quite limited in its extend since it merely eliminated the remains of pagan idol worship on the high places on top of the mountains which were disseminated around the villages and whose residues were also to be found in the Temple of Jerusalem. This intolerant procedure against all kinds of spurious cultic worship was supported by the privileged social groups of the country which yielded the power at that time. But the prophetic writing of Zephaniah manifests quite clearly that idol worship was not restricted outward homage rendered to deities, but included also social injustice and

abuse of power for the benefit of some privileged social groups at the expense of the people deprived of their livelihood.

Keywords: *Religious reform. Profetic denunciation. Protagonism of the poors. New social order.*

Introdução

Na vida e na Bíblia constata-se a permanente tensão entre dois caminhos: o da vida digna para todos ou o da exclusão e da morte. Tanto nos dias de hoje como nos diversos contextos históricos da Bíblia percebe-se a atuação de grupos e movimentos sociais com propostas e interesses distintos. Cada um relaciona-se com a divindade (ou divindades) de forma a legitimar as suas pretensões. Esse artigo enfoca um destes contextos históricos que é o da reforma religiosa levada a termo pelo rei Josias no ano 622 aC. Foi um acontecimento de grande importância na história de Israel, resultado de um movimento desencadeado por grupos sociais inconformados com a opressão exercida pelos reis Manassés e seu filho Amon, no contexto de hegemonia assíria. Um desses grupos tem sua representação na figura do profeta Sofonias. Em que realmente consistiu a reforma de Josias? Que relação tem o grupo de Sofonias com essa reforma? Qual seu posicionamento e sua proposta? São as perguntas de fundo que acompanham este ensaio.

Iahweh guardou

“Palavra de Iahweh que foi dirigida a Sofonias, filho de Cusi, filho de Godolias, filho de Amarias, filho de Ezequias, nos dias de Josias, filho de Amon, rei de Judá” (Sf 1,1). Já nesta apresentação do profeta constata-se que o movimento profético de Sofonias está em íntima relação com a fé javista. É o que demonstra o próprio sentido etimológico da maioria dos nomes citados nesta genealogia: Godolias = Iahweh engrandeceu; Amarias = Iahweh falou; Ezequias = Iahweh fortaleceu. Também Sofonias = Iahweh guardou (escondeu).

Sofonias concentra a missão dos grupos proféticos cujo objetivo central é revelar o que está “guardado”. E o que estaria guardado? Sabe-se que o longo reinado de Manassés (687-642 aC), seguido de seu filho Amon que durou apenas dois anos (642-640 aC) e que antecederam o de Josias, caracterizaram-se pela violenta repressão a ponto de abafar todo movimento profético defensor do direito dos pobres (2Rs 21,1-25). “Manassés derramou também o sangue inocente em quantidade tão grande, que inundou Jerusalém de um lado a outro...” (21,16). O que estaria “guardado”, portanto, era o plano divino sempre lembrado e recomendado pelos profetas, mas que Manassés e Amon impediram de se manifestar.

A genealogia conduz Sofonias até Ezequias. Há nisto um propósito. Na função própria de uma genealogia, o nome mais importante é o mais primitivo.

Dele se herda poder, prestígio, propriedades ou posição social. Ezequias, um dos reis mais famosos de Judá (716-687 aC), foi um homem de reformas. Destruiu todos os lugares de culto, à exceção do templo de Jerusalém. Segundo a leitura deuteronomista, “depois dele, não houve entre todos os reis de Judá quem se lhe pudesse comparar; e antes dele também não houve... Fez o que agrada aos olhos de Iahweh, sem jamais se afastar dele, e observou os mandamentos que Iahweh prescrevera a Moisés” (2Rs 18,1-8). Sofonias, então, estaria reivindicando para si a mesma autoridade de reformador, seguindo as leis e tradições de Israel e aplicando-as no novo contexto histórico sob o reinado de Josias. Porém, com uma fundamental diferença: Sofonias não se coloca dentro da instituição real de Jerusalém, mas distancia-se dela, assumindo uma postura crítica frente à corte, ao templo e aos seus ideólogos (Sf 1,8-9).

Sofonias é de origem africana. Em seu livro cita-se Etiópia por duas vezes. É filho de Cusi. Cuch, em hebraico, é Etiópia. Poderá ter sido descendente de escravo africano. Na Palestina, havia escravos etíopes (2Sm 18,21) e alguns eram funcionários no palácio real em Jerusalém (Jr 38,7). Sofonias mora em Jerusalém, provavelmente na periferia da cidade, onde se localizavam os pobres, muitos deles expulsos da roça, trabalhadores nos serviços de infraestrutura da capital e muitos desempregados. Com os pés nessa realidade, Sofonias exerceu sua atividade profética entre os anos de 630 a 622 aC, período imediatamente anterior ao achado do “livro da lei”, escondido no templo (2Rs 22) e que serviu de base para a reforma religiosa oficial.

Sofonias e os grupos sociais que representa

Todo profeta é portador do projeto de um ou mais grupos sociais. No caso do profeta Sofonias, quais são os de sustentação de sua proposta? Para responder a esta pergunta é bom elencar os grupos/pessoas/regiões que ele denuncia. Seguindo a tradução da Bíblia de Jerusalém: os perversos (1,3), os homens da face da terra (1,3), Judá (1,4), habitantes de Jerusalém (1,4), o resto de Baal (1,4), os sacerdotes dos ídolos (1,4), os que se postam nos telhados diante do exército dos céus (1,5), os que se prostram diante de Iahweh, mas juram por Melcom (1,5), os que se afastam de Iahweh, que não procuram a Iahweh nem o consultam (1,6), os príncipes (1,8), os filhos do rei (1,8), os que se vestem com roupas estrangeiras (1,8), todos os que sobem o degrau (1,9), todos os que enchem a casa de seu senhor com violência e com fraude (1,9), os habitantes de Mactes (1,11), o povo de Canaã (1,11), todos os que pesam a prata (1,11), os homens que concentrados em sua borra dizem em seu coração: “Iahweh não pode fazer nem o bem nem o mal” (1,12), as cidades fortificadas e as ameias elevadas (1,16), os homens que pecaram contra Iahweh (1,17), os habitantes da terra (1,18), nação sem pudor (2,1), Gaza, Ascalon, Azoto, Acaron (2,4), habitantes da liga do mar (2,5.6), a nação dos cereteus (2,5), Canaã, terra dos filisteus (2,5), Moab (2,8.9), os filhos de Amon (2,8.9), todos os deuses da terra (2,11), etíopes (2,12), o Norte (2,13),

a Assíria (2,13), Nínive (2,13), a rebelde, a manchada, a cidade opressora (3,1), seus príncipes (3,3), seus juizes (3,3), seus profetas (3,4), seus sacerdotes (3,4), as nações (3,6), suas ameias (3,6), suas ruas (3,6), suas cidades (3,6), os orgulhosos fanfarrões (3,11), o inimigo de Jerusalém (3,15), todos os seus opressores (3,19).

Nestas referências pode-se perceber que as denúncias de Sofonias atingem a elite do palácio e do templo, ataca os sistemas econômico, jurídico, militar e religioso. Revelam a realidade de opressão política, exploração econômica, dominação militar, corrupção jurídica e depravação religiosa. Na visão do profeta esta situação está generalizada: tomou conta de Jerusalém, de Judá e de todos os povos da terra. A denúncia vem acompanhada de sentenças divinas condenatórias, culminando com “o grande dia de Iahweh” em que “no fogo do seu zelo toda a terra será devastada” (1,14-18). Tudo isso é indicativo de que há necessidade urgente de profundas mudanças.

Vejam agora a quem Sofonias defende: os convidados de Iahweh (1,7), os pobres da terra que realizam a ordem de Iahweh (2,3), os pastores (2,6), o resto da casa de Judá (2,7), o meu povo (2,8), o resto do meu povo (2,8), o que sobrar de minha nação (2,9), o povo de Iahweh dos Exércitos (2,10), os meus adoradores do outro lado dos rios da Etiópia (3,10), um povo pobre e humilde que procura refúgio no nome de Iahweh (3,12), o resto de Israel (3,13), o coxo (3,19), o disperso (3,19).

Quem é essa gente? Excluindo o versículo 3,19 que faz parte de um adendo pós-exílico (3,18b-20), todos os grupos citados por Sofonias são do seu tempo. Quando ele evoca “os pobres da terra” (*anawin ha'aretz*) refere-se aos trabalhadores da roça, explorados pelos comerciantes e pelo sistema tributário. O ambiente de Sofonias, porém, é citadino. Jerusalém é tema principal de sua profecia. Ataca a violência e a opressão praticadas na capital e assume a dor e os sonhos do “povo pobre e humilde” (*'ani wedal*): são os humilhados e enfraquecidos no meio dos quais o profeta se movimenta. Jerusalém, no contexto do imperialismo assírio, tornou-se a cidade rebelde, manchada e opressora. Dentro dela moram os príncipes, os juizes, os profetas, os sacerdotes, os perversos, os orgulhosos fanfarrões, os que vivem no luxo, são fraudulentos e usam da violência. Enquanto isso, os *anawim* e os *dallim* (pobres, magros, deprimidos, necessitados) têm apenas Iahweh por refúgio: são os escravos, os órfãos, as viúvas, os mutilados pelas guerras, os estrangeiros, os prestadores de serviços nos diversos setores da cidade, os doentes, os idosos encurvados...

Sim, faz-se necessária uma mudança radical. Iahweh não aguenta mais. A mudança, porém, segundo Sofonias, não será realizada a partir de cima. O protagonismo será dos “pobres da terra” e do “povo pobre e humilde”. Em outras palavras, os sujeitos da mudança serão os empobrecidos da roça e da cidade. Eles formam “o povo de Iahweh dos Exércitos” (2,10), “o resto de Israel” (3,13), “o meu povo” (2,8).

A proposta de Sofonias

Os humilhados e enfraquecidos da cidade e os pobres explorados da roça são os protagonistas de uma nova sociedade. São eles os únicos qualificados positivamente: os pobres da terra realizam a ordem de Iahweh (2,3) e o povo pobre e humilde procura refúgio no nome de Iahweh (3,13). Para Sofonias são esses grupos sociais que podem fazer frente à arrogância dos dominadores: dos príncipes, dos filhos do rei, dos que vivem no luxo e se vestem à moda estrangeira, dos que sobem o degrau do templo usando da violência e da fraude, dos mercadores, dos que pesam a prata (1,8-11); dos juízes, dos profetas aventureiros e traidores, dos sacerdotes que profanaram o que é santo e violaram a lei (3,3-4). Os pobres da roça e da cidade, com base na justiça e na pobreza (2,3), serão os artífices de uma nova ordem social onde poderão “apascentar e repousar sem que ninguém os inquiete” (3,13). Garantirão, assim, a presença benfazeja de Iahweh (3,15-17).

Os poderosos acham que Iahweh está longe e indiferente à história da humanidade (1,12). Eles lançam insultos contra o povo e “se vangloriam por causa de seu território” (2,8). Iahweh, porém, toma partido em favor dos pobres e, com eles e através deles, muda o rumo da história oficial e lhes devolverá a terra, pois são os legítimos herdeiros (2,9). O “dia de Iahweh” será dia de angústia e destruição para os que oprimem. Será o fim da idolatria, o cimento do imperialismo assírio e do sistema concentrador e violento da monarquia israelita.

Portanto, a concepção de Sofonias a respeito de Iahweh (citado 34 vezes neste pequeno livro) não é a mesma da adotada pela monarquia. Enquanto o rei e seus ideólogos usam do nome de Iahweh para legitimar a exclusividade religiosa e o sistema político de dominação, o profeta confessa que Iahweh “é justo e não pratica a iniquidade, mas promulga o seu direito (3,5), muda o destino dos pobres (2,6-7), prepara um novo culto e santifica os convidados (1,7) e dará a todos os povos lábios puros para que possam invocá-lo unanimemente” (3,9). Jerusalém ouvirá o chamado, confiará em Iahweh e tornar-se-á a cidade santa. Do seu seio serão afastados os orgulhosos fanfarrões (3,11), o inimigo será eliminado (3,15).

Para Jerusalém ainda há esperança de conversão. Ainda tem chance de responder à vocação que Deus lhe deu: ser o centro irradiador de uma nova maneira de viver, segundo o direito e a justiça. Nos oráculos contra as nações, Sofonias situa Jerusalém no centro (3,1-5). Seguindo o esquema dos pontos cardeais o profeta abrange o universo inteiro representado pelos quatro povos: assírios ao Norte (2,13-15), etíopes ao Sul (2,12), moabitas-amonitas ao Leste (2,8-11) e filisteus ao Oeste. A cidade-capital, apesar de contaminada e ameaçada por todos os lados e pela própria elite interna, Iahweh habita em seu meio e a purificará restabelecendo a justiça. Ele dará origem a um povo novo, a partir do “resto” que lhe é fiel. O profeta imagina Jerusalém e seus contornos no meio de um grande deserto que cobre toda a terra. Ela surge como um oásis feliz (2,6-7). Por ela os povos conhecerão e invocarão Iahweh e a ela acorrerão para cultuá-lo (3,9-10).

Em síntese, o movimento profético de Sofonias lança a seguinte proposta:

1. Iahweh se caracteriza como o Deus que intervém na história em favor das vítimas dos sistemas político, econômico, militar e religioso;
2. A nova ordem social alicerça-se na justiça, na pobreza e no direito. Os protagonistas são os empobrecidos da roça e da cidade;
3. O “resto de Israel”, o “seu povo”, os “pobres da terra” e os “humilhados e enfraquecidos”, todos “os que invocam o nome de Iahweh” são o seu “povo santo”;
4. Jerusalém possui a missão de proporcionar a todos os povos o conhecimento de Iahweh e irradiar o verdadeiro culto no qual poderão participar todos os que invocam o seu nome.

Profeta e sábio

Sofonias é um aprendiz e continuador da ação dos grandes profetas que vieram antes dele, como Amós, Miqueias, Isaías e Oseias. Em vários momentos ele faz ecoar a voz daquelas profecias, atualizando-as e ampliando-as: as denúncias aos opressores (Mq 3,9-11), os oráculos contra Jerusalém e Judá (Is 1,4; 2,6-8) e contra as nações (Is 14,28-32; Am 1,6-8), a expressão “pobres da terra” (Is 11,4); a descrição do “dia de Iahweh” (Am 5,18-20; Is 2,12-19), a teologia do “pequeno resto” (Is 4,2), a condenação da idolatria (Os 4,17; Is 2,18; Mq 1,7), a defesa de Iahweh como único Deus (Is 1,4; 5,24; Os 11,9) que opta pelos pobres (Am 5,11-12; Is 10,2-3) e faz viver quem o procura (Am 5,4) e cumpre seus mandamentos, vivendo na humildade e seguindo o direito e a justiça (Is 1,17; Am 5,24; Os 10,12; Mq 6,8).

Sofonias bebe também da fonte da Sabedoria. A síntese de sua proposta é caminho indicado pelos sábios de Israel: “Procurai a Iahweh vós todos, os pobres da terra, que realizais a sua ordem. Procurai a justiça, procurai a pobreza” (Sf 2,3). Sabe-se que durante o reinado de Ezequias foi produzida abundante literatura histórica, sapiencial e profética. Foi um período em que se fez uma releitura do passado de Israel com o intuito de buscar as bases de um novo futuro vinculado ao projeto oficial de transformar Jerusalém em centro cultural e religioso de todo Israel. Na corte de Ezequias foram recolhidas coleções de provérbios, atribuídas a Salomão (Pr 25–29). Aí identificamos o “povo pobre e enfraquecido”, os *dallim* (Pr 28,8.15; 29,2). Também o conceito de justiça – *tsadaqah* –, como ordem social sem dominação a partir do direito dos pobres (Pr 29,14). A justiça é a força capaz de libertar e fazer prosperar um povo (Pr 14,34). É o ato de libertação dos pobres da terra e dos enfraquecidos como anunciou Isaías que também atuou no tempo de Ezequias (Is 11,4; 28,17). Ao lado da justiça está a pobreza – *anawâ* –, entendida não como privação dos bens necessários à vida, mas como negação radical da atitude de dominação. É a adesão humilde e confiante a Iahweh; corresponde ao temor a Deus (Pr 15,16.33), pois somente ele pode salvar (Pr 20,22;

29,25). Sofonias, portanto, pertence à escola dos sábios de Israel e dos profetas do oitavo século. Deseja ardentemente a mudança social, porém não à maneira do pessoal da corte.

Sofonias e a reforma de Josias

Com esta panorâmica do contexto social em que atuou Sofonias com seu posicionamento e sua proposta, pode-se perguntar agora a respeito de sua relação com a reforma de Josias, esse rei entronizado aos oito anos de idade pelo “povo da terra” no ano 640 aC (2Rs 21,19-24). Este grupo é identificado com os proprietários de terras – o campesinato de Judá – que, aproveitando do momento oportuno de instabilidade institucional provocada pelo assassinato do rei Amon, tomam as rédeas do estado em suas mãos. Fazem parte da elite condenada por Sofonias, pois “enchem a casa de seu senhor com violência e com fraude” (1,9). Entronizando o menino Josias, eles se entronizam a si próprios. Certamente estão de acordo com uma profunda mudança após os conturbados governos de Manasés e de Amon. Eles até a viabilizam, orientando-a é claro para a manutenção de seu *status* de privilegiados.

O povo, inicialmente, acolhe e aplaude a reforma, pois vislumbra um caminho de libertação da política opressora dos assírios, legitimada pela introdução do culto aos seus deuses. As denúncias de Sofonias, no entanto, revelam que a reforma está tomando outro rumo. A política interna, conduzida pelos detentores do poder em Jerusalém, não leva em conta as aspirações e os direitos do povo da cidade e da roça. De fato, a reforma josiana restringiu-se à destruição dos lugares de culto não javista espalhados pelas diversas vilas e promoveu a centralização no templo em Jerusalém, trazendo para a capital os sacerdotes e levitas que exerciam suas funções nas províncias do interior. A reforma não mexeu nas causas da injustiça social. A intolerância com as práticas religiosas diferentes (que coexistiam com o culto a Iahweh) promoveu uma religião que cimentou a estrutura sócio-política-econômica expansionista e de dominação de um grupo de privilegiados sobre a maioria.

O movimento profético de Sofonias posicionou-se contra este tipo de reforma e revelou que a idolatria não se restringe aos cultos a outros deuses ou deusas, mas revela-se, sobretudo, na situação de injustiça e nos mecanismos de opressão que privam as pessoas pobres de seu direito à vida digna. Ao defender a fé em Iahweh e a centralização do culto em Jerusalém, Sofonias pensa na eliminação de todas as formas idolátricas introduzidas pelo sistema monárquico em aliança com os impérios estrangeiros: a concentração dos bens, a exploração comercial, o sistema tributarista e a manipulação do templo a serviço dos interesses dos poderosos.

O lugar social de Sofonias não é o mesmo de Josias e seu grupo. É outro, portanto, o ponto de partida; é outro o conteúdo do projeto de mudança social; são outros também os protagonistas de sua viabilização. Por isso, no “dia de Iahweh”,

a elite será liquidada, enquanto os pobres serão resgatados; os “orgulhosos fanfarrões” serão afastados do seio da cidade, enquanto o “povo pobre e humilde” procurará refúgio no nome de Iahweh (3,11-12); aos “poderosos da montanha santa” opõem-se os “humildes da terra” e os “enfraquecidos”. Para estes, o caminho é o da esperança militante: eles terão um futuro de paz e segurança, pois são o “resto de Israel”, portadores do projeto libertador de Iahweh, o Deus do Êxodo, que habita no meio do seu povo (3,15) como um “herói que salva” (3,17).

Conclusão

Vivemos hoje diante da exigência de transformação histórica. Há necessidade urgente de uma nova ordem social. O movimento profético de Sofonias nos alerta a respeito das práticas religiosas: cada uma delas é portadora de um projeto de sociedade. Caracteriza-se como idolátrica não aquela que concebe a Deus com um nome diferente (pois Deus é inominável), mas sim a que usa o nome de Deus para legitimar sistemas político-econômicos que excluem a maioria do povo das condições de vida digna.

Sofonias também nos indica que uma sociedade alicerçada no direito e na justiça é protagonizada pelos que assumem a *pobreza*, isto é, a atitude de total confiança no Deus da vida e de radical renúncia a toda forma de dominação. Jesus de Nazaré expressou assim aos seus discípulos: “Sabeis que os que são considerados chefes das nações as dominam, e os seus grandes fazem sentir o seu poder. Entre vós não deve ser assim. Quem quiser ser o maior entre vós seja aquele que vos serve, e quem quiser ser o primeiro entre vós seja o escravo de todos” (Mc 10,42-44).

Bibliografia

ANDERSON, Ana Flora e GORGULHO, Gilberto. *Os profetas e a luta do povo*. São Paulo: Departamento Regional de Comunicações, Região Episcopal Ipiranga, 1986.

BALANCIN, Euclides e STORNILO, Ivo. *Como ler o livro de Sofonias*. São Paulo: Paulinas, 1991.

BONORA, Antônio. *Naum, Sofonias, Habacuc, Lamentações*. Col. Pequeno Comentário Bíblico. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 95-114.

GALLAZZI, Sandro. *Israel na história: seu povo, sua fé, seu livro*. São Leopoldo: CEBI, 2011.

GORGULHO, Gilberto. Sofonias e o valor histórico dos pobres. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* n. 3. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Metodista e São Leopoldo: Sinodal, 1989, p. 26-35.

MESTERS, Carlos; SCHWANTES, Milton. *Profeta: saudade e esperança*. A Palavra na Vida n. 17 e 18. Belo Horizonte: CEBI, 1989, p. 18-23.

NAKANOSE, Shigeyuki. *Uma história para contar*. A Páscoa de Josias. São Paulo: Paulinas, 2000.

PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1989.

SCHWANTES, Milton. *Breve história de Israel*. São Paulo: Oikos, 2008.

SICRE, José Luis. *A justiça social nos profetas*. Col. Novo Comentário Bíblico. São Paulo, Paulinas, 1990, p. 426-455.

SOARES, Sebastião. Sofonias, filho de negro, profeta dos pobres da terra. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* n. 3. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Metodista e São Leopoldo: Sinodal, 1989, p. 21-25.

WILSON, Robert R. *Profecia e sociedade no antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 1993.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 1985.

Celso Loraschi
Faculdade Católica de Santa Catarina
Rua Antônio Edu Vieira, 1524
88040-001 Florianópolis, SC
E-mail: loraschi@itesc.org.br